

1

Abertura

Terça-feira

Poética – Abril/1990

F 4



CEP 9 ANOS

F 5



“Um dos vetores de maior intensidade na realização da dissertação foi a produção de questionamentos sobre o desenvolvimento do próprio processo de investigação”.
(Ericson Pires)

“...não há nada, *nada*, *nada* farão
para retê-los”

seu sincero Kungfutseu

Ezra Pound - Canto LXXVII¹

Gosto da frase inicial da dissertação de mestrado *Zé Celso e a Oficina-Uzyna de Corpos*, de Ericson Pires². Eu gostaria de tê-la escrito. A ressignificação, a *transvaloração*³ das propostas do escrever, logo, das formas e do objeto de estudo, variáveis estudos, é o exercício mais amplo desta tese de doutorado, utilizando alguns caminhos do movimento CEP 20.000 (Centro de Experimentação Poética), suas/algumas significações, além de outros movimentos e ações passados na cidade do Rio de Janeiro a partir de 1990. Daí a vinculação às linhagens de movimentos culturais canônicos anteriores. A “memória esponja”⁴. Se falo em diferentes narrativas < poderiam ser duzentas ou mais > de diferentes curadores/interventores no processo de entendimento, é porque cada um foi influenciado, naturalmente, por um sem número de interações, fundamentais para que um texto ou uma linguagem seja produzido. E numa visão que passa por Nietzsche, estruturalistas e pós-estruturalistas, chegando a Antonio Negri, a possibilidade de novos homens e

sociedades. A mudança do S R.

E

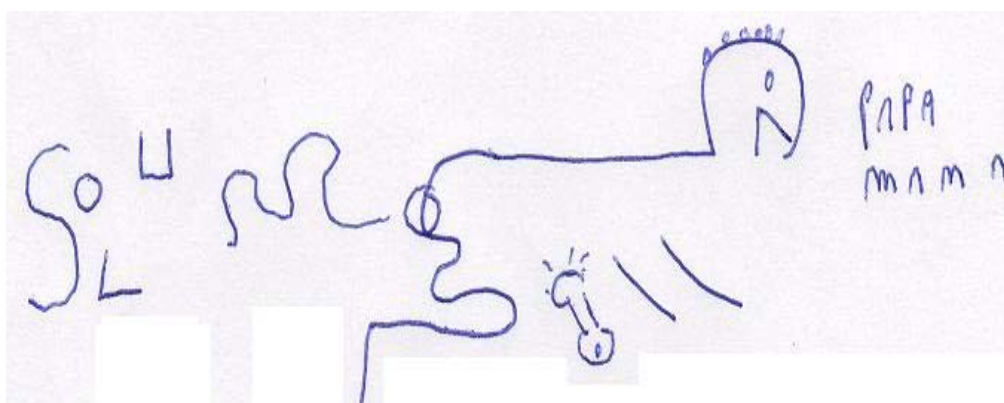
¹ POUND, Ezra. *Os Cantos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

² Dissertação defendida em janeiro de 2000, no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, e publicada em 2005 pela Editora Annablume (Pires, 2005). É esta última versão que será utilizada neste trabalho.

³ Segundo a apropriação que Viviane Mosé (Mosé, 2005) faz do conceito nietzscheano, “transvalorar” significa “tornar maleáveis, móveis, fluídas” as palavras, e, logo, a linguagem, o que permite superar as cristalizações conceituais e, no caso do tratamento da história do CEP 20.000, alterar o presente no passado, e o passado no presente.

⁴ Imagem criada por Roberto Corrêa dos Santos (Santos, 1999) para representar os mecanismos seletivos da memória individual. Esta é apresentada pelo autor como complexo mental que opera por triagem, retenção e significação de lembranças. Assim, a “memória esponja” exibe uma estrutura de composição permeável, podendo valer-se do esquecimento para filtrar materiais a serem absorvidos.

Procurei dar uma compreensão positiva temporal para um mapeamento que, no limite, tenderia ao grande mapa de Borges⁵ – Biblioteca infinita, sem Tempo, num somatório de labirintos justapostos - através da **Realidade/Palavra**, contendo as expressividades de cada movimento. Assim como pensa Danto (Danto, 2006), me parece essencial para uma tese contemporânea deixar claro que utilizei saberes de várias procedências e que explico o caminho, tal qual o fio que marcará a trajetória no labirinto até a questão que deve ser enfrentada, e que este enfrentamento é a criação de uma mitologia, a mitologia de um corpo eu, de um corpo nós – o CEP 20.000 na cidade e com suas transformações. Ou, de outra forma, o texto pode tomar o caminho de uma ficção sem inocência, utilizando a memória vinculada aos fatos curados por escritores de estudos de cultura, ou, ainda, como mais uma das possíveis alternativas, tornar-se um somatório de problematizações.



DEU NO JORNAL

“Gay assassinado será enterrado como indigente”. Após ter o filho assassinado durante uma briga com o pai, a dona-de-casa Renata Moreira de Souza, de 33 anos, enfrentou ontem mais um dia de sofrimento ao saber que o rapaz terá de ser enterrado como indigente. Rogério Moreira de Souza, de 18 anos, não havia sido registrado em cartório.⁶

⁵ *Ficções Jardim de caminhos que se bifurcam* - 1941

⁶ *O Globo*, Rio de Janeiro, 03/06/2006.

ROSANA BINES:

“Oi, Guilherme. Cheguei à idéia de uma ‘escrita indigente’ a partir da leitura da página 2 do seu exame de qualificação:

"Deu no Jornal - Gay assassinado será enterrado como indigente. Após ter o filho assassinado durante uma briga com o pai, a dona-de-casa Renata Moreira de Souza, de 33 anos, enfrentou ontem mais um dia de sofrimento ao saber que o rapaz terá que ser enterrado como indigente. Rogério Moreira de Souza, de 18 anos, não havia sido registrado em cartório.

“A indigência nesta manchete de jornal tem a ver com o fato de o rapaz não ter sido registrado em cartório, possivelmente pela omissão do pai, que não reconhece o filho ao nascer e não o reconhece novamente aos 18, como ‘gay’. Daí pensar uma ‘grafia indigente’ como escrita órfã, de pai e de país. A certidão de nascimento da sua escrita não passa pelo crivo da nação burocrática, de suas instituições, de seus carimbos e sintaxes protocolares. Tampouco passa pelo crivo paterno. Sua escrita quer outra forma de existir, que não nasce de uma linhagem vertical, hierarquizada, de pai/pátria para filho, mas se espraia horizontalmente, buscando as conexões fraternais, os irmãos do CEP, a rede de amigos. A grafia indigente funda uma outra família. Na página escrita, o que se lê é quase uma ação entre amigos. O ‘eu’ autoral mal sobrevive, sem as histórias, poemas, imagens, afetos que não lhe pertencem e que o atravessam. A indigência se faz sentir também aí. No ‘eu’ paupérrimo que assina a tese. Mas que fique claro, a pobreza não é contingência. É eleição, é arte de complexa urdidura.

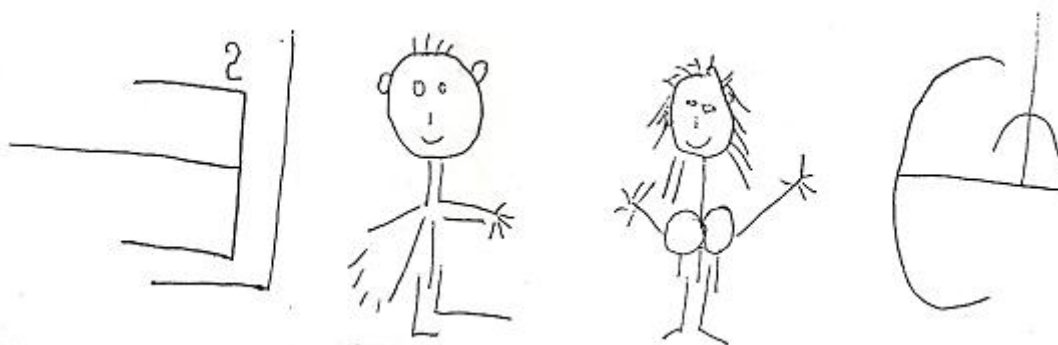
Espero que este breve verbete dê conta do recado. Um beijo, Rosana.”

A tese se dá quando as variações de linguagem – memória, crítica, conto, crônica, blog, desenho, poesia, fotografia, textos e falas de outros ou construídos com outros - vai formando uma teia, exposta aqui, no Penetrável⁷, no CEPensamento, no filme CEP 20.000, de 2006 (pode ser visto no Youtube), dirigido por Daniel Zarvos, assim, para além do objeto livro, se transforma através da internet em um objeto guardador/ virtual. Este trabalho de margem identifica, ainda mais, a tese coletiva. O livro não existiria sem a participação direta de outras intervenções, para além das citações das técnicas acadêmicas. Como na peça *Seis personagens à procura de um autor*⁸ ou no processo de criação de uma novela ou de um romance. A criação do livro/tese exigiu que alguns personagens ajudassem o autor. Tese Factory⁹?

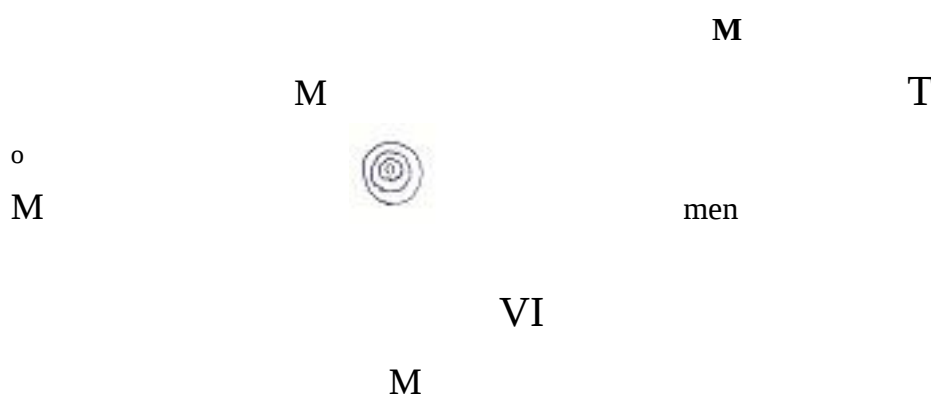
⁷ Hélio Oiticica - Em 1960, cria os primeiros *Núcleos*, também denominados *Manifestações Ambientais e Penetráveis*.

⁸ Peça de Luigi Pirandello.

⁹ Estúdio multimídia de Andy Warhol em N.Y (63/68)



Articulo memória, fatos, citações, e problematizo se houve um movimento CEP 20.000 (Centro de Experimentação Poética). E se houve, o que é um movimento? E o que teria sido o movimento no movimento Rio de Janeiro, entre a década passada e este início de milênio? Ou, concluindo não ter havido um movimento, como me apropriar do significado do termo para que se alarguem as margens e o termo caiba, agora, para o entendimento do CEP 20.000 e sua continuidade o CEPensamento?

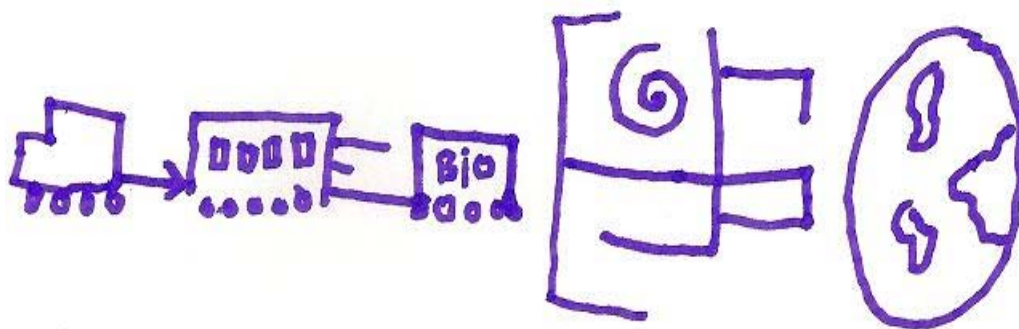


Pode-se fazer um paralelo com o processo da arte de Moacir¹⁰, que diferente do Bispo do Rosário, ainda nem nome composto tem. O filme do Walter Carvalho, mostra o processo criativo de um artista plástico¹¹ em que o preenchimento do espaço, no caso um vidro sendo filmado por baixo, se dá pela formação de diferentes composições não alinhavadas, até que estes campos, inicialmente

¹⁰ Artista plástico considerado esquizofrênico que vive no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

¹¹ Walter Carvalho. *Moacir Arte Bruta*, 2005.

desligados, vão sendo preenchidos, formando a obra harmonicamente interligada. O “behind the reason”¹² do processo criativo de muitíssimos artistas plásticos.



Aqui se pode citar Heleanor Heartney (Heartney, 2002) afirmando que, a partir do pós-estruturalismo dos anos 60, pensa-se que a linguagem, “no sentido de uma estrutura complexa de códigos, símbolos e convenções, que nos precede e determina, essencialmente, o que nos é possível fazer e, até mesmo, pensar”. Ou seja, “não criamos a linguagem a partir de nossa experiência concreta do mundo” (Heartney, 2002: 9). E então se ampliam os sistemas de signos produtores dos fatos culturais: para cada década ou pedaço de tempo ou espaço sempre haverá novos caminhos (suportes, tintas, palavras, formas, fatos) dentro das novas necessidades da fala contemporânea. Qualifico a dicção que roteirizo, o desenho, as escolhas de citações e a linguagem empregada como poética – necessariamente fora dos padrões de uma escrita que propõe neutralidade, para um suposto melhor entendimento, dentro do encantamento Moderno. Acreditando que este escrever também gera um entendimento correspondente ao que considero um saber transmissível e instigante, inclusive num meio acadêmico. Camila do Valle Miranda (Miranda, 2004), contribui exemplarmente quando no começo de sua tese de doutorado cita Eduardo Lourenço mostrando que “nós não escrevemos sobre um objeto, mas a partir dele” (Lourenço *Apud* Miranda, 2004: 1) e, logo depois, cita também Benjamin Abdala Júnior: “seria possível encontrar parte daquilo que faltava à margem de partida” (Abdala Junior *Apud* Miranda, 2004:1), fortalecendo a defesa de uma escrita mais libertária como tese de doutorado, sem os padrões uniformizadores da escrita metodológica visando a padronização que já se denominou de metodologia científica.

¹² O que é Fluxos? O que não é! O porquê. – Jon Hendricks. Catalogo Banco do Brasil – 2002.

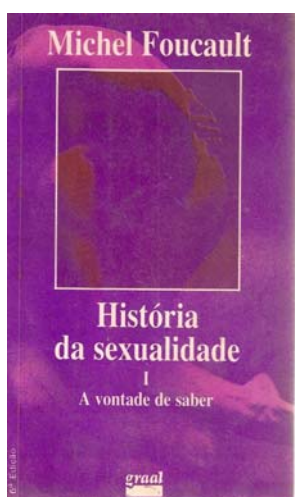
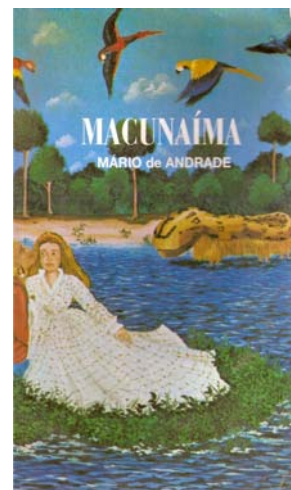
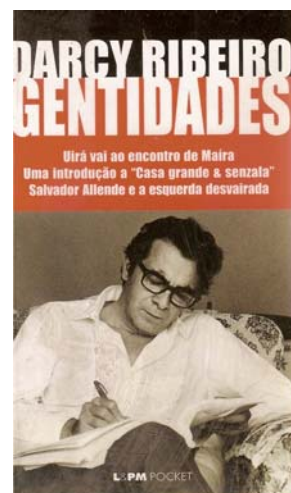
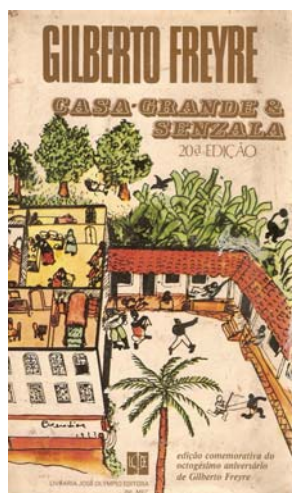
DADO AMARAL:

“Os Lusíadas” trata da fundação, de Portugal fundando o seu império além-mar ultramarino. E o CEP estava sendo uma fundação, a gente tinha uma energia de fundação, de “vamos criar uma coisa, vamos fundar agora um espaço, um tempo, um evento, um lugar”. E o Boato foi assim pro primeiro CEP, e certamente o Guilherme foi assim, o Chacal foi assim, o Emanuel Marinho foi assim, com essa energia... e isso se imprimiu, eu acho, no universo. Que o CEP se estabeleceu, ficou e tal. A gente fez coisas radicais no CEP, a gente jogou bola. Um dia nosso espetáculo era jogar uma pelada, a gente botou umas galinhas vivas no palco e jogou futebol. Fizemos umas coisas muito doidas. Centro de Experimentação Poética pra gente foi de fato um centro de experimentação... poética, plástica, musical, sensorial, enfim... Mas isso é a minha memória de quatorze anos atrás, que de qualquer forma já é um tempo é que eu acho que tem uma poesia nela, uma beleza.¹³

A procura de outras possíveis margens por quem já foi classificado de “fronteiriço” ou de “borderline” parece constituir meu ethos. “Fronteiriço” quem primeiro utilizou, como termo/rótulo chamado psiquiátrico foi Dr. Jaderson Cahu, com quem aprendi a me entender mais. A segunda denominação, agora numa análise de texto, foi empregada por minha mestra, talvez ou provavelmente perto da fronteira, Heloisa Buarque no seu texto sobre *Zombar*: “Coloca-se numa perspectiva *borderline* onde a possibilidade do trânsito entre prosa, poesia, cartas, anotações aleatórias, fluxo de pensamentos dispersos e indagações político-existenciais torna-se concreta”¹⁴. Parece-me que o fronteiriço, além de transitar entre lugares, não respeitando linhas, pode também ampliar os limites de onde se supõe localizado. Um inaugurador. Ao procurar fora de seu lugar, é forçado por circunstâncias a transvalorar, o que envolve a aceitação ou o entendimento de um novo conceito. No primeiro encontro de corredor no Departamento, que não é de Estado, mas da Instituição, com Heidrun Olinto, ela me provocou sobre o meu estar (ma(u)l ?) entre o ser moderno e o

¹³ Dado Amaral, do grupo “Boato”, em entrevista concedida em 2004 para o filme CEP 20.000, de Daniel Zarvos, lançado em 2006.

¹⁴ *Zombar* Guilherme Zarvos, Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro – 2004.

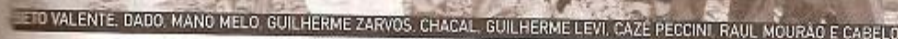


pós-moderno. Imbuído de um pré-conceito sobre um pós-moderno lido sem maleabilidade enchi-me de arrogância e da certeza – típica do moderno: – Sou moderno -, respondi. E a face rosada de minha professora ficou vermelha. Não de raiva, sabia. De vigor. Tendo conversado com meu amigo, Roberto Corrêa dos Santos, co-orientador deste trabalho, querido amigo, disse-lhe que entraria de Zorro nas primeiras aulas – havia escolhido inicialmente a da Marília Rothier, a orientadora desta tese, como possível experiência sobre o lugar onde um fronteiroço deve estar, já que passara em último lugar dos dez classificados, estando ela na Banca. Roberto, paciente, me desincentivou a performance. Ainda pensei em chamar o jovem escritor (por algum tempo organizador do CEP) e músico, Botika, para me entregar uma carta, ele vestido de Zorro, mas a performance e a verdade que foram necessárias acabou na realização de beber cerveja em sala-de-aula, com o respeito devido aos professores. O que em mim tem de borderline eleva às alturas minha ansiedade. Era o excessivo respeito ao saber que me desestabilizava. Ericson Pires falava para eu relaxar, pois “tempo haveria, tempo haveria”¹⁵, que o processo de doutoramento é feito por um zigue-zague entre margens, e que aconteceria a chegada necessária. Induziu-me a ler (não sei se tinha consciência do ato para a aceitação da minha condição de estudante doutorando com quase 50 anos) o saber espinosista: “Alegria gera Alegria”¹⁶. O pós-moderno de Heidrun e o Nietzsche de Marília e Roberto foram se misturando no processo de transvaloração¹⁷ e se juntando com Marx, Freud (e seu mal-estar) e Darcy Ribeiro e Balzac – as leituras que haviam me solidificado. Aumentei a margem da razão. E este híbrido, de que fala Heartney: “o real retornou em formas que denotam uma mudança da consciência representada pelo pós-moderno” (Heartney, 2002: 77). É isso o que possibilita, agora, no final da primeira década do milênio, no Rio de Janeiro, e para a classe média, o questionamento do poder do artista e o engajamento solidário, para as classes populares, (a ampliação da fala) e, para o que tenho de Moderno, a certeza de estar participando de uma teia que é a única, que me possibilita uma visão de “pertencer a uma grande narrativa” (Danto, 2006: 8).

¹⁵ Homenagem ao poema *Canção de Amor de J. Alfred Prufrock*, de T.S.Eliot (Eliot, 1981: 57)

¹⁶ Síntese espinosista na qual Deus é natureza e o homem é possuído da capacidade de frear as paixões. Logo, este pode pretender controlar o desejo de conquistas desmedidas. A conquista maior será estar com o Deus natureza e a possibilidade da geração da alegria para todos. Alegria gerando alegria (Espinosa, 1973).

¹⁷ Friedrich Nietzsche - reavaliação dos valores.



CEP20000 é a prova definitiva de que realizar é necessário, estar em movimento é necessário, "artistar" é necessário. Necessário também, parabenizar e agradecer ao CEP20000 nas pessoas de MICHEL, CHACAL, GUILHERME e todos que direta ou indiretamente, contribuíram para o seu sucesso e longevidade. Sinto-me de veras orgulhoso de poder participar da história da família CEP20000, portanto, parabéns prá nós, para "nosco", para todos "nosco". Evoé, Axé, Yo, CEP20000! Até mais!!

o mistério estava no mimeógrafo,
só por faro,
se chegava ao destilado,
por uma meia dúzia de doidos,
doido hoje não se sabe o que é.
o mimeógrafo virou eletrodoméstico.
mais que nunca,
farejar é preciso.

[illegible]

Esse evento é maravilhoso!!!!
Foi num CEP que minha banda tocou pela primeira vez no rio. Adorei estar no mesmo palco onde tantos amigos talentosos já se apresentaram e numa casa onde sempre frequentei e admirei. Parabéns a todos os envolvidos nesse evento espetacular e de ótima qualidade. Vida longa e muito sucesso!!!! Desejo que dure por mais 10, 20 mil anos..... Vida longa!!!!!!

MICHEL MELAMED:

Cara, assim... eu acho que o CEP foi o meu, o nosso, sei lá ... foi o meu, o nosso, pícota (...) década de vinte, pequenino, Greenwich Village, até Paris década de vinte, um momento para gente. Não sei se tem esta importância para cidade, para o país, mas para gente, para os artistas que participaram teve essa coisa do encontro, da... porque era todo mundo muito jovem e todas estas discussões estavam envolvidas. O próprio fazer artístico, a atividade qual é, a linguagem, a possibilidade de participação (...) onde se está interferindo, qual é a questão política que está sendo tangenciada. Então, eu acho que o CEP foi isso. Um encontro sem a dificuldade de denominar, porque um movimento pressupõe um (o telefone toca)... Pelo menos de uma forma, a tal formal, a questão do movimento é uma certa uniformidade estética, conceitual, que nunca foi o meu objetivo, apesar de que a ausência de uma unidade estética pode ser considerada como uma unidade estética. Até pelo que você colocou antes que existia uma ênfase na linguagem, na comunicação da poesia falada e tal. Então, existia um tipo de unidade. Mas nunca houve esta organização para que se tornasse um movimento. Nunca foi colocado dessa forma. Acho que está no nome: Centro de Experimentação Poética. A idéia era um espaço para experimentação.¹⁸

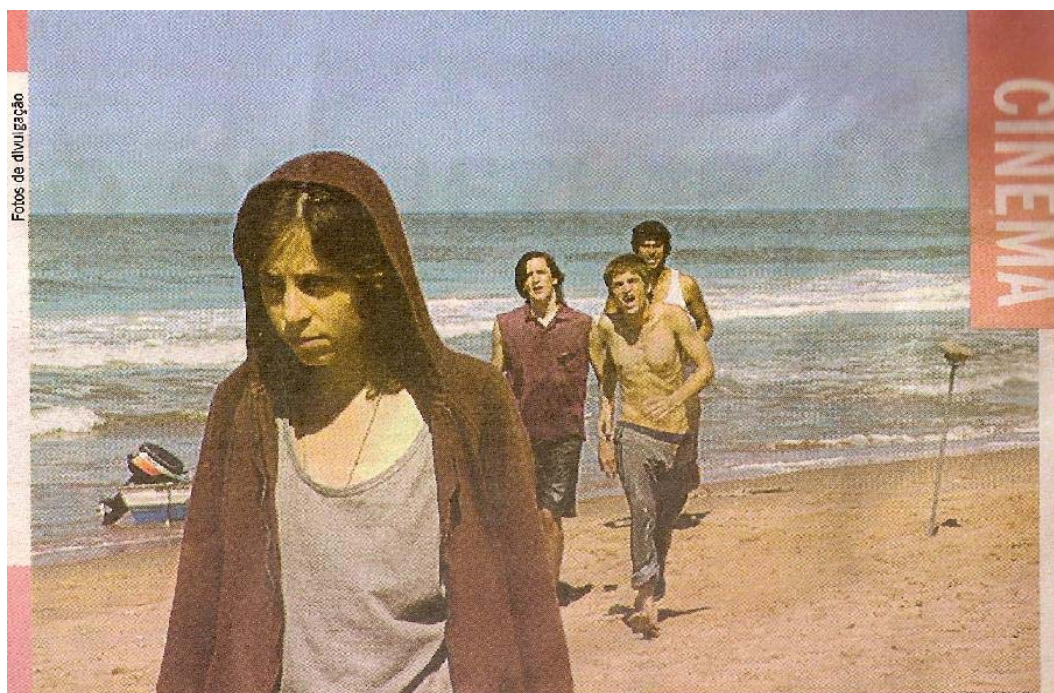
Lembro-me da minha incompreensão sobre o romance *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, e com seu formalismo de alternância de narrativas, o mesmo acontecendo com meu *Morrer*, que Sergio Cohn e Ericson Pires entenderam enquanto eu, que acabava de escrever, ainda não havia entendido. E foi no embate de fronteira na sala-de-aula que fui ressignificando questões éticas e estéticas muito arraigadas. E mesmo discordando de tanta obrigação de créditos para a formação – achando que seminários seriam de melhor valia – passei a aceitar melhor as diferenças dentro e fora do contexto acadêmico. Desasnei-me¹⁹ mais um pouco. Agora que eu, Zarvoleta, encontrei prumo e alegria e a escrita vibra com coração de estudante, reconheço a leveza que me trouxe o entendimento

¹⁸ Michel Melamed, poeta multimídia, em entrevista concedida em 2005 para o filme CEP 20.000, de Daniel Zarvos, lançado em 2006.

¹⁹ Termo típico do jogo semântico de Darcy Ribeiro.

corporal, para além do entendimento racional, do significado de ser para além do moderno, daí ampliando meu ser moderno e o meu ser pós-moderno. Perdendo a certeza, conseguindo ampliar margens, com a possibilidade do erro tão bem defendida por Ericson Pires (Pires, 2005), caminho para além das garantias modernas, sem me distanciar totalmente de experiências como a de Hugo Chaves ou de outras saídas críticas. No mundo de hoje, experiências autoritárias devem cada vez mais ceder a experiências libertárias. O homem, sua individualidade, protegida pela maioria. E a certeza de que vida e escrita são corpo, (com a lembrança de Adorno (Adorno, 1986) e de sua defesa do bem escrever) faz desta tese um poema. O CEP, que me fez poeta, merece ter uma escrita interpretativa poética, onde o bem escrever, o susto e a descoberta oracular, a música, a luz têm espaço de possibilidade, agora num universo de saber universitário.

DEU NO JORNAL²⁰



Atenção, o que está acontecendo? Canta, Ericson. Espero que o ritual negociado com o Departamento da Universidade contribua para que instituições possibilitem

²⁰ Imagem do filme argentino XXY (Lucía Puenzo, 2008), Caderno Teen, *O Globo*, 04/03/2008.

(e interessados se entusiasmem), dentro das mais variadas alternativas formais, a obtenção do título de Doutor em Letras. No meu caso: PUC/ RJ 2008. O título comprobante da qualidade do saber. Grande probabilidade de obter trabalho, pago por hora, de boa graduação fiduciária. E que haja para alguns criadores universitários – os que “traem a tra(d)ição”²¹, os que reinventam para além de produtos aparentemente definitivos, os Nômades do Simbólico, ou outro nome de alguma nova banda de caras de doutores, Os “Realmente te amo porque as estrelas são furos na lona”²² - o aumento da permissibilidade para que os seus produtos²³ – esta tese, o anúncio da tv, o beijo –, não sejam estanques em (in)(e)stantes vendáveis. A necessidade da criação pela criação.

DEU NO JORNAL

“Baby Boom”. Com títulos como “Baby Einstein” e “Baby Mozart”, os DVDs feitos para bebês conquistam mercado no Brasil, que já tem produção própria.

Venda cresce 80% por ano

Matheus Cancela, de seis meses, diante de imagens de um dos DVDs da série “Baby Einstein”, a que assiste diariamente; sua mãe limita o tempo diante da televisão.

Efeito calmante

Rodrigo, de um ano e sete meses, adora DVDs para bebês, segundo sua mãe, a estudante Jaqueline Monteiro Pena, 23. Ele assiste cerca de quatro horas por dia. Jaqueline diz que é “muito elétrico” e que se acalma com os DVDs.²⁴

²¹ Referência à tese de doutorado de Ericson Pires (Pires, 2004), onde este defende que as palavras *traição* e *tradição* dividem a mesma origem etimológica. Tradição significaria “entregar a alguém” e traição “entregar alguém”. Assim, “trair a tradição” implica movimentar a experiência da criação e denunciar os mecanismos de estagnação identificados com o poder.

²² Homenagem a um verso de uma poesia ainda não publicada de Michel Melamed.

²³ Aqui me aproprio da trasvalorização realizada por Ericson Pires para o termo “produto”. Tradicionalmente associada à linguagem empresarial, a palavra amplia-se para definir inclusive realizações artísticas ou teóricas.

²⁴ *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23/04/2006.

Tanto Nietzsche, na visão de Klossowski, demonstrado por Viviane Mosé (Mosé, 2005) em sua tese de doutorado, como Antônio Negri, vão entender o fundamento da linguagem como estrutural para a existência das relações de cultura. Este modelo serve para a atualidade, como serve e serviu a luta de classes em Marx e as possibilidades da tecnologia em Darcy Ribeiro revendo Marx. O jogo da escolha da forma do texto-corpo visa à ampliação da linguagem/visão e é próprio, até mesmo por ser pertinente no momento adotar as ampliações dos sentidos através de novas formas – como em algum outro momento foi/será o materialismo dialético – e faz gosto para o eu poeta que analisa um movimento poético que

analisa o corpo Cidad^e. O corpo movimento CEP 20.000 e o meu corpo

memória, que é corpo fragmentado ou escrita indigente – corpos que mais no momento me afetam; ou, dentro do possível, os que conscientemente desejo que me afetem. A utilização de adiposidade de citações e de informações já banalizadas na rememoração de cada década, as lacunas de décadas, a explicação insuficiente vem dá necessidade do corpo/fala/escrita momentâneos, com a adoração pelos livros *Rua de sentindo único e Infância em Berlim por volta de 1900*, de Walter Benjamin (Benjamin, 1992), e *Antes & Depois*, de Paul Gaugain (Gaugain, 2006), portanto, proponho que a leitura do texto se faça aceitando que (este é um texto teste e um texto gerador de texto) que serão modificados no produto livro de editora e no site CEPensamento onde a tese e a mitologia serão, sem inocência, ampliados: “erros necessários” (Pires, 2004). Aqui falo do samplear, da exagerada necessidade de citações para validar o conhecimento da Universidade, dificultando a experimentação, lembrando que o *Conservatório*²⁵ deve alargar suas margens para o contemporâneo, falo, too to, da res (transvaloriz) ignific (a) ção, da traição necessária, da democratização radical, da existência de um estar pós o moderno, de uma utopia e vai sem inocência. O embate de idéias que provoquem a Sociedade de Controle.²⁶ A sinceridade. Produto válido,

²⁵ Conceito utilizado por Roberto Corrêa dos Santos, contextualizando a necessidade do guardar e do curar. O filósofo pretende afastar-se do significante *conservador*.

²⁶ Sobre o conceito de Sociedade do Controle, ver *História da sexualidade: o cuidado de si* de Michel Foucault (Foucault, 1985a).

validável com valor variável, pela Universidade. O *Branco sobre Branco*²⁷ como fonte. Vivendo a qualidade que se pode admirar na:

Ex p ex e x
P E rit o
M E n T AçãO²⁸

E outros jogos lúdicos ou variáveis do conhecimento.

“E, no entanto, valeria a pena”...²⁹ utilizar meu movimento principal nos últimos 16 anos, minha dança CEP, minha pena e minha asa CEP. (H)aja CEP.

DEU NO JORNAL

“Canibal alemão é condenado à prisão perpétua” FRANKFURT.

Julgado pela segunda vez, o alemão que matou um homem depois de comer seu pênis (com o consentimento da vítima, que também comeu o próprio órgão genital) e que depois se alimentou de carne humana durante semanas foi condenado ontem à prisão perpétua.³⁰



²⁷ Quadro/marco do abstracionismo pintado por Malevitch em 1917, ano da Revolução Russa.

²⁸ Homenagem ao poema *Lance de dados*, de Mallarmé.

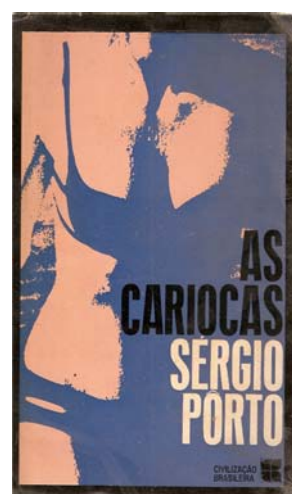
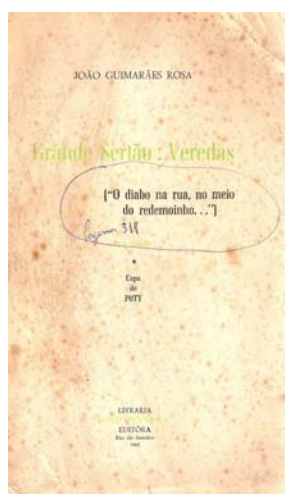
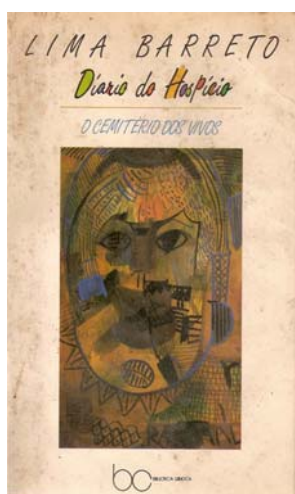
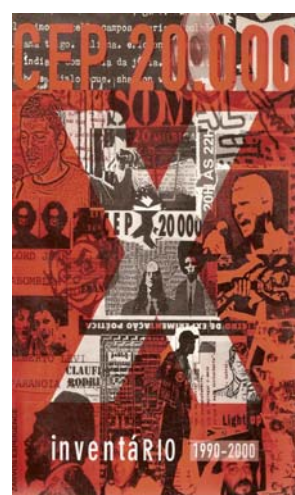
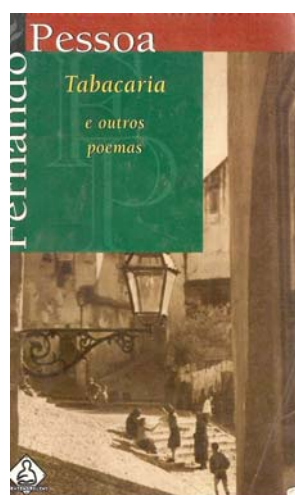
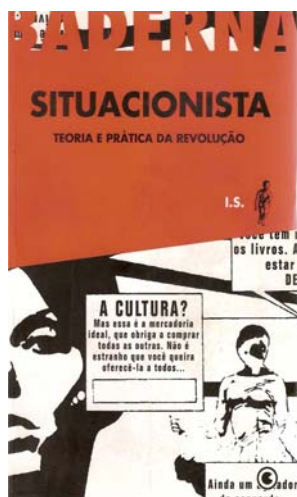
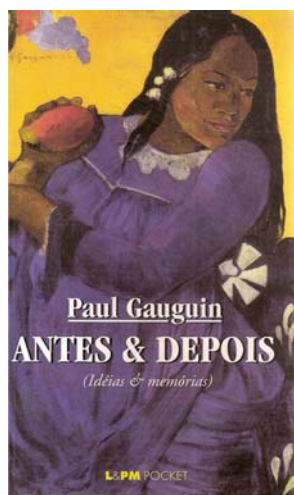
²⁹ T.S. Eliot, Op. Cit.

³⁰ *O Globo*, Rio de Janeiro, 10/05/06.

Para que haja CEP 20.000, num trabalho acadêmico, necessito assentar as bases de outras falas, para além da minha, já que o processo principal do CEP se deu através da palavra falada. Venho transformando a palavra falada sem documentação em palavra gravada, filmada e escrita, formando um território de onde se possam alargar “fronteiras”. Tenho criado fontes primárias, através de publicações e entrevistas, que aqui estão entrando em *itálico* ou com diferentes outros destaques. A demonstração do caminho lógico e estético deste modelo de tese e de livro, neste caso, já inteirado com a virtualidade e a inserção de músicas, curtas, biografias em rede, trabalhos de artes plásticas de outros artistas já apontados no Penetráve-Loja-Site-TV-CEPensamento, será constantemente modificado, e que também me faz, como escrevi anteriormente, inventar o trabalho. Além disto, o que pode ser, numa tese, adiposidade – memória de família e a citação resumida dos lugares comuns do que tem sido a Cultura Nacional desde os anos 50, esta minha escolha dentre escolhas de outros serve de base pedagógica para futuros leitores menos ligados à rede histórica e às próprias percepções de suas origens e rompimentos.

BOB N:

É a trajetória do nada ao lugar nenhum, né? Na verdade não é dos anos 90, eu queria discordar aqui. Os artistas dos anos 90 são uns chatos (risos). E tem o pessoal mais da virada do milênio, onde eu me encaixo, que é um pessoal meio perturbado O “Marssaris”, a Laura, o Guga, o Arjant que estava por aqui. Pessoal dos anos 80 tinha aquela celebração da pintura, aquele dinheiro todo daquele mercado de capitais foi uma ótima, a gente perdeu essa. Aí depois veio o pessoal dos anos 90 que fazia tudo em coisa de proveta, em vidrinho, parecendo luminárias. Tirando a Márcia X gloriosa e maravilhosa. O resto era um pessoal que, acho, veio muito aqui ou também fez isso aqui e curtiu muito aquela galera como o Alex Hambúrguer, o Aimberê, que já faziam um outro tipo de trabalho mais aberto, já menos ligado ao objetivo. Lembro da primeira vez que a gente saiu por aí, a gente foi pra praia. Eu pendurei banana nos coqueiros, a Laura levou uma vaca, o Márcio



*Ramalho botou umas tripas de bode, o Botner botou uma gaiola. A gente fez coisas desse tipo. Agora já tem mais uma rapaziada assim. Naquele tempo era o seguinte, ninguém queria ver o que a gente fazia. Não tinha espaço nos salões e por isso a gente foi pra praia. Já que a gente não conseguia participar dos salões, das galerias, dessas coisas, a gente foi pra qualquer outro espaço.*³¹

Arthur Danto cita como qualificação do contemporâneo “o sentimento de não mais pertencer a uma grande narrativa” (Danto, 2006: 6). O excesso de informação, a cada vez menor defasagem entre descobertas e aplicação prática das tecnologias, o estar à procura, através do corpo que clama, do “que está acontecendo” fazem com que o que eu tenho de Moderno – para além da grande narrativa mítico-poética – ainda deseje uma narrativa mítico-poética com aparência de verdade racionalista. Daí que as referências temporais da minha cronologia são comprováveis, formando um longo encadeamento ou discurso que será útil, repito, para apoiar quem deseja entender meu pensamento, no caso, meu pensamento sobre o CEP 20.000 e seus curadores e sobre alguns lances do “dado” Rio de Janeiro. É claro que é sempre falho pretender entender as pessoas, segmentando-as em gerações etárias. Os sentidos históricos têm sempre mais sofisticação, como por exemplo, como entender o fato de o Golpe Militar ter sido efetuado em 1964, no Brasil e, na Argentina, um outro Golpe, com a semelhante característica, ter acontecido em 1976, quando a abertura política ocorria no Brasil. Tanto estariam certos os estudiosos de uma visão marxista da história, por destacarem vários traços comuns que uniram os dois golpes e que podem ser somados ao do Chile em 1973, como os que se atêm a cada país ou caso, investigando as diferenças qualitativas e temporais de cada movimento. Este tipo de raciocínio pode ser aplicado à análise dos participantes do CEP 20.000. As observações sobre curadoria e sobre os diferentes públicos atuantes nesse período de 18 anos de funcionamento do Centro, **OXUMARE**, podem levar a deduções significativas e momentaneamente prováveis. A Indigência como porto. A mobilidade do levantar acampamento na praia de Ipanema, no 30 de dezembro em festa de cerveja liberada e muita fartura da rapaziada da Maré.

³¹ Fala do artista plástico Bob N no lançamento da revista *CEPensamento*, no Espaço Cultural Sérgio Porto, outubro de 2005.

Amanhã Vou ao Fórum

O tempo calmo de um botequim de Del Castilho
O xerox 0,4 centavos faz o livro nascer barato
E do carro ganho com o suor do último dinheiro
Que meu pai guardava em moedas de ouro num banco paulista
E que herdei do primogênito de uma família cigana
De uma família de loucos de gentis e raparigas sacanas
Eu também sou do país dos Mourões
Também assassinei e dei abrigo a miseráveis

O tempo claro de um domingo na Zona Norte
Faz me lembrar dos que foram e dos que virão
Eu que acreditei em Deus um dia
Que acreditei no mal com alegria
Que não me importo com rima pobre
Juntando beleza e nobreza e benfazeja e
Alegria: alegria gera alegria

E da pobreza das redes das terras dos Mourões da serra do Siará Grande
E dos engenhos já maiores de Pernanbuco Velho dos engenhos
Gigantes do açúcar industrial
E da sombra da mangueira verde quase musgo
Onde aprendi que ler era mais importante que viver
Que viver é mais importante que morrer e que de viver
É que vivem os livros

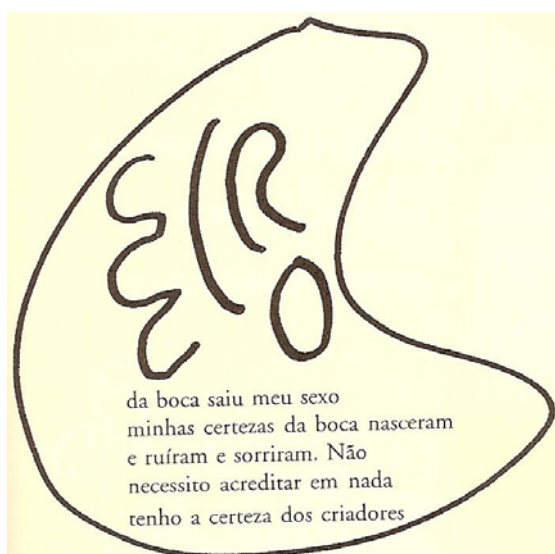
E fui embora. Abandonei o silêncio cheiroso das mangueiras
Verdes das mangueiras chamuscadas pela geada agora cinza
E amarela abandonei meu pai e as mangueiras centenárias
Eu que do país dos Mourões abandonei meu pai Mourão
E sua brutal macheza. Fui para São Paulo virar viado
Fui para o Rio de Janeiro virar viado fui para Kopenhagen
Amsterdan Cairo e São Francisco misturar pau e drogas e
Nunca mais olhei para o país dos Mourões e fui abandonando
Os machos e enrabando os machos amando e me afastando
Das mulheres e desprezando o espetáculo fácil e a fragilidade
Das paixões, fui descobrindo o amor, a contrução da
Política e da crença no futuro. Abandonei as
Mangueiras cheirosas de verde musgo um dia
Invadidas desapropriadas em nome dos Sem Terra

Ainda não sabia que o país dos Mourões desmoronava
Apenas senti a tristeza pelo chão vermelho de terra que perdera
E engoli mais uma perda. Fui para São Paulo perder a facilidade do dinheiro
Fui ao Rio de Janeiro viver sem desejo de posse e de rumo
Era a poesia que gritava seus encantos. Nunca achei que viver valia
Vida têm os outros. Eu tenho ouvido para a vida que faz poema

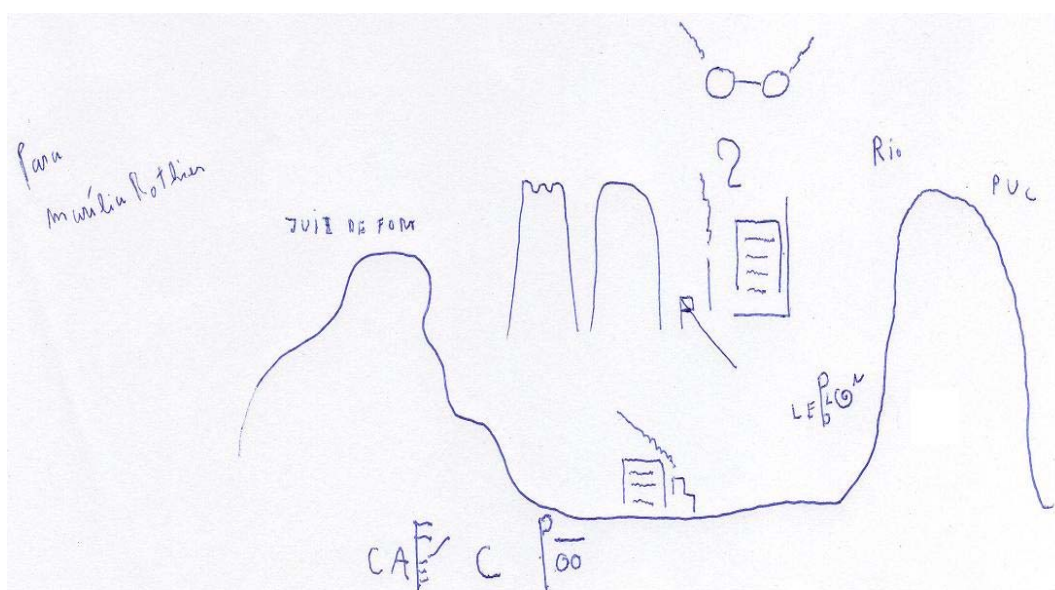
É domingo de tarde no centro de Del Castilho
Nada é castigo sou orgulhoso do homem que me fiz
Do canto que faz o mundo do humilde que sabe tanto
Eu criador do universo tão forte quanto Deus
Eu que criei Deus e distribuí riqueza
Eu tantas vezes eu ajudei a diminuir fome e tristezas

Sou da família dos Mourões
De Ursula, Gonçalo, Léa, Gerardo e do menino Tunga
Eu pai de Guilherme, Michel, Ericson, Tarso, Botika, Vitor, Paulo, Rod
Pai de tantos guris, pai de Isabella, Joana, Gisah,

Tatiana, Francesca, de tantas raparigas em fogo e flor
Eu macho mourão resolvi viver de vida.



Matei minha mãe e pai e o país inteiro. Depois da prisão me recuperei. Já julguei e absolvi. Alibei
rdade me foidada pela palavra escrita



Marquinhos

Ontem morreu Marquinhos; meu irmão ligou lá de Minas. Daniel Caetano do celular para a secretária eletrônica. Seria enterrado no São João Batista.

Queria ligar para o Daniel. Para a mãe do Marquinhos. Jurei ir cada vez menos ao cemitério. Lá não é lugar de encontros. Mas estar com o corpo num caixão do meu Marcos seria possível. É a realidade que está e eu estou lá mesmo já estando escuro. Mesmo não sendo hora de cemitério.

A nossa vida de amigos errantes passa na minha cabeça. Não será a hora de desvelar todos os detalhes. Aparecerão se eu durar o suficiente para escrever durante um nevoeiro de abril. Agora é hora de ver sua cara no centro do oco que vi centena de vezes. É hora de dizer como gostei deste irmão tão torto como eu.

Marquinhos começou a morrer desde que conheci mirrado com amigos ele pediu um chope, eu falei que ele não podia. Assim já era demais. Viajei voltei ele estava maior, sempre inteligente e com o mundo mágico dos sonhos desse amigo que vi se consumindo

Enquanto eu me consumia. Não achou seu pai na intensidade desejada Morreu seu avô querido. Casou teve um filho, a saga de Marquinhos está aí para enfrentar o mundo do início de 2005. Seu filho, pequeno não conhecerá seu pai. Terá, entretanto, um caminho menos infeliz que seu pai, meu adorável e um dia vivo adorado amigo. Andamos por

todos os lugares bebendo e rindo e nos compreendendo. Achava que Marquinhos seria escritor. Seria se quisesse. Seria o que quisesse mas a marca da morte o aplicou antes do que a mim. É 2005 e tudo está fora e dentro. Deu reativo no meu exame O Sérgio ficou grávido com a Aracy e Marquinhos parou de lutar contra o câncer. Marcia x tão amada artista também morreu. Logo depois inesquecível Eliane Duarte Ele estava fazendo faculdade de economia e transacionando câmbio na Banco do Brasil.

Marquinhos estava para subir num cargo e ganhar dinheiro como gente grande. A maldita da doença veio quando não era mais para vir. Marquinhos tinha sua

mulher e filho e um sonho que iria acontecer. Não aconteceu. Das últimas vezes que estive com ele não deixávamos que a morte se intrometesse. Continuávamos com planos. Mas eram planos agora sim de quem sabe que não os acomodaria.

Estou triste hoje é verão chuvoso. Fecho os olhos e vejo Marquinhos. Um pouco mais velho que o mirrado Marquinhos que conheci em 88. Nunca o vi desejar mal. No máximo da tensão era sempre puro. No máximo da esculhambação era sempre bom. Não estou sendo laudatório. Era assim e ele era único. Marquinhos foi marcado para morrer cedo. Uma espécie de Jesus Cristo do estilhaçado início deste verão.

POS

Eu prefiro ir embora
Junto com tia Maria Amélia, Clementino e Oscar
Prefiro ir embora antes de
Minhas três irmãs – Claudia, Adriana e Beatriz

E meu irmão Nick **SI**
Eu preciso ir embora como foram Thereza e Nicolau
Darcy, Tio Sergio, Tia Gilda e Tia Maria do Carmo
Posso ir embora pois meu passado
Se foi e enxergo o futuro
Torço para ele - palíndromo do eterno vai vai e vem vem
Vejo-o como sempre torci. Um

VEL

G
Mundo mais justo
A cigarra e a formiga va I vai vem vem e
Ficam. Duas vão comigo. A